

## PRESENÇA DA VOZ: A POTÊNCIA DA ORALIDADE NA NARRATIVA DE PROFESSORES NA HISTÓRIA ORAL

### VOICE PRESENCE: THE POWER OF ORALITY IN THE NARRATIVE OF TEACHERS IN ORAL HISTORY

Hosana do Nascimento Ramôa<sup>136</sup>

#### Resumo

O presente artigo propõe um mergulho na articulação entre História Oral, oralidade e voz com o intuito de entender e vislumbrar aspectos diversos e minuciosos da profissão docente. Abordando as memórias e experiências de uma professora de História, através de uma entrevista de História Oral, buscamos entender como sua oralidade pode produzir presença, conceito teórico que compreende a materialidade dos corpos, sujeitos, objetos e do mundo. Partindo da premissa de que através da escuta e olhar sensíveis nos é possível perceber os anseios, dúvidas, certezas, medos, alegrias, saberes e conhecimentos que circundam e constroem um profissional, seriam sua oralidade e a presença que irradia de sua voz, nossas aliadas na compreensão das sutilezas e complexidades que envolvem e integram a docência.

**Palavras-chave:** Oralidade. Produção de presença. Voz. Docência. História Oral.

#### Abstract

This article proposes a dip in the articulation between Oral History, orality and voice in order to understand and glimpse diverse and detailed aspects of the teaching profession. Addressing the memories and experiences of a history teacher, through an Oral History interview, we seek to understand how her orality can produce presence, theoretical concept that comprises the materiality of bodies, subjects, objects and the world. Starting from the premise that through listening and sensitive eyes it is possible to perceive the yearnings, doubts, certainties, fears, joys and knowledge that surround and build a professional, would be his orality and the presence that radiates from his voice, our allies in understanding the subtleties and complexities that involve and integrate teaching.

**Keywords:** Orality. Presence production. Voice. Teaching. Oral History.

---

<sup>136</sup> Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre e Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma Universidade. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura (CDC) e do Núcleo de Estudos em Educação Democrática (NEED) da Faculdade de Educação da UFF. Área de pesquisa: Educação e Ensino de História. Bolsista CAPES. Orientador: Everardo Paiva de Andrade (Faculdade de Educação/ Programa de Pós-Graduação em Educação, UFF). E-mail: [hosana.nramoa@gmail.com](mailto:hosana.nramoa@gmail.com)/ Telefone: (21)98483-4166. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8805-3953>.

## Introdução

O ouvinte escuta, no silêncio de si mesmo, esta voz que vem de outra parte, ele a deixa ressoar em ondas, recolhe suas modificações, toda “argumentação” suspensa. Esta atenção se torna, no tempo de uma escuta, seu lugar, fora da língua, fora do corpo (ZUMTHOR, 1997, p. 17).

Intitulamos este artigo com “Presença da voz”, termo retirado da obra de Paul Zumthor, “Introdução à Poesia Oral” (1997). Essa menção se deve a perspicaz junção de palavras feita pelo autor e que conversa diretamente com a proposta aqui delineada: a forte produção de presença corpórea dos sujeitos (e também do passado) diante de uma sociedade de sentido, inscrita num paradigma cartesiano, mas que anseia por uma (re)conexão com a materialidade do mundo e dos indivíduos que nele estão (GUMBRECHT, 2010).

Quando aludimos à presença da voz<sup>137</sup> estamos falando da potencialidade e capacidade que existe na voz humana para a produção de presença de indivíduos e do passado através de sua oralidade. Ou seja, em uma entrevista de História Oral, por exemplo, é a voz nossa maior aliada na transmissão das histórias, das memórias, das identidades, dos sentimentos, etc. (sem desqualificar e nem esquecer a importância dos outros elementos que nos compõe e que propagam quem somos, como o olhar e o movimento das mãos, dentre outros).

Nesse sentido, é na relação entre a oralidade e a História Oral<sup>138</sup> – que nos permite captar os sujeitos –, que poderemos também vislumbrar a profissão docente: pelas nuances, timbre, altura, pausas, tom da voz, mas também pelas significações presentes na narrativa que nos apontam os momentos mais intensos, as dúvidas, certezas, dificuldades e percepções que moldam e cercam cada profissional e que nos dão pistas do que é ser professor.

Argumentar a existência de uma presença da voz (em especial, de professores), é ressaltar o óbvio: que o corpo fala. E fala de diferentes maneiras. Boaventura de Souza Santos (2019) defende que “os sentidos são essenciais para se conhecer”, de tal modo que “o

<sup>137</sup> Junto ao termo voz, também utilizaremos ao longo deste texto os termos, vocalidade, oralidade, oral e linguagem falada, todos fazendo referência a nossa capacidade de externalizar sons, palavras, pensamentos, além de outras capacidades que aqui discutiremos.

<sup>138</sup> Os debates aqui desenvolvidos, principalmente em torno da História Oral, foram regados e floresceram junto às discussões, trocas, conversas e afetividades da disciplina “Memória e narrativas em Educação (Experiência, memória e narrativas de professores)”, com os professores Everardo Paiva de Andrade, Juniele Rabêlo de Almeida e Sandra Escovedo Selles, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na UFF.

conhecimento não é possível sem experiência, e a experiência é inconcebível sem os sentidos e os sentimentos que acordam em nós” (2019, p. 237). Obviamente, o autor se refere aos sentidos físicos<sup>139</sup> enquanto um modo de apreensão da realidade e de construção de conhecimento.

O que Santos, Hans Ulrich Gumbrecht e Paul Zumthor, indicam, de uma maneira geral, é o quanto a corporeidade é fundamental para nossa existência e aprendizagem, e, o quanto ela é relegada a segundo plano diante de nossa excessiva busca por racionalizar o que fazemos e o que está à nossa volta. Assim, o que pretendemos é focalizar a capacidade (re)criadora do corpo de apontar novas formas de apreensão da realidade, contudo, aqui daremos destaque a voz e a oralidade com base em nossa proposta, sem, no entanto, esquecer que elas estão diretamente conectadas com os outros sentidos e com o corpo como um todo.

Nosso interesse por um debate que priorize o corpo e a voz, assim como o posicionamento dos autores indicados, não pode ser considerado uma situação isolada e sem contexto. A cada dia fica mais claro o desenvolvimento de uma necessidade de (re)conexão com a materialidade do mundo e de nós mesmos, como elucida Gumbrecht (2010), afinal, o ser humano não é feito apenas de ideias, mas de carne que nos constitui, sangue que corre pelas veias e pele que nos permite sentir sensações.

Possivelmente, uma das explicações para esse fenômeno seja a perspectiva defendida por Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2012, p. 23-24), que atestam que em diversos momentos da História humana – momentos esses que podemos denominar de “tempos sombrios”, como assim o fez Hannah Arendt (2008) –, houve a necessidade de voltar à atenção sobre o corpo, numa busca por humanidade em tempos desumanos. Diante disso, podemos dizer que este texto foi construído em um período que, constantemente, estamos fazendo menção ao termo de Arendt: vimos nos noticiários (televisado, nas rádios ou pelas mídias virtuais) o impulso conservador aliado a movimentos neofacistas ganhando espaço em diversos países, especialmente no Brasil no ano de 2019 e início de 2020<sup>140</sup>, com um governo nitidamente simpatizante e que faz constantes elogios a ditadores.

---

<sup>139</sup> Referimo-nos aqui a audição, paladar, tato, visão e olfato.

<sup>140</sup> Para saber mais:

&lt;[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/internacional/1544180778\\_836431.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/internacional/1544180778_836431.html)&gt; Acesso em: 12.02.2020.

Somado a máscara de “cidadão de bem” que flerta com regimes totalitários, vivemos mergulhados numa tentativa desenfreada de desumanizar as classes mais baixas, os negros, indígenas, lgbt’s, dentre outros, resumindo suas vidas perdidas a meros números. Além desse horror normalizado e visto sob a ótica do comum, ainda estamos aprendendo a lidar com a globalização das informações, com as excessivas “fake news” e com o distanciamento, cada vez maior, entre real e virtual, que como delimita Gumbrecht, tornam as pessoas e as informações “mais desligadas e independentes de lugares físicos específicos” (2015, p. 35).

Cabe ressaltar, que, no momento de finalização da escrita deste texto defrontamos com uma pandemia do covid-19<sup>141</sup> que tem afetado de diversas maneiras o cotidiano em muitos países. As perdas, crises e a corrida contra o avanço da doença são apenas um lado da moeda, do outro enfrentamos o isolamento, o medo, o distanciamento social e os possíveis reflexos que todo o contexto está exercendo e vai exercer nas pessoas. Por enquanto, não sabemos quando e nem como sairemos dessa experiência. O que vale enfatizar que, com o contato físico limitado com outros sujeitos, nos questionamos ainda mais sobre a potencialidade da troca física e da ausência dela.

Buscamos soluções e alternativas para tentar trazer um pouco de “normalidade” aos nossos dias, e, uma aliada tem sido a internet<sup>142</sup>, que, mesmo ajudando não substitui o contato epidérmico, a força da voz num ambiente e nem as sensações que o vivenciar acarreta. Dessa forma, não podemos deixar de indagar: como serão as relações sociais e as relações com o mundo após todas as experiências proporcionadas pela luta ao covid-19? Ainda não temos essa resposta, mas o tempo e a história nos dirão, por enquanto, busquemos refletir sobre a capacidade humana de conexão com outros sujeitos, com o mundo e a história de maneira sensorial, material e sensível, aflorando ainda mais nossa humanidade.

Diante de todo o cenário abordado, manifestam-se pensadores e intelectuais de diferentes áreas que dirigem a atenção a colocar o corpo novamente em cena. De movimentos contestatórios até ações mais reflexivas, muitos sujeitos têm pensando em maneiras diferentes de compreender o mundo para além da habitual atribuição de sentidos.

---

<sup>141</sup> Aqui não iremos detalhar a situação, uma vez que não é este o objetivo deste trabalho, mas para mais informações: &lt;<https://oglobo.globo.com/mundo/casos-de-covid-19-no-mundo-ultrapassam-1-milhao-mortos-passam-de-51-mil-24346130>&gt; Acesso em 02.04.2020.

<sup>142</sup> As chamadas de vídeo ajudam na aproximação daqueles que estão em outra casa, enquanto que as escolas usam áudios e vídeos para dar continuidade ao ano letivo, por exemplo.

Ao longo do texto, citamos pensadores de distintos campos do conhecimento científico que contribuem para um possível novo olhar e questionamento de paradigmas dominantes e que nos levam a perguntar: a ênfase nos sentidos físicos nos ajudariam a ter novos olhares sobre a pesquisa científica e sobre a escrita do mundo? E a oralidade seria uma maneira de chegar até questões, conhecimentos e compreensões antes invisibilizados ou que recebiam pouca atenção?

É mister ressaltar que as indagações aqui apresentadas surgiram com base em entrevistas de História Oral, realizadas no ano de 2018, para a pesquisa empreendida durante o Mestrado em Educação<sup>143</sup>, e que, inclusive, nos impulsionaram a continuá-la agora no Doutorado. Assim, este artigo nasceu a partir das reflexões em torno das falas de professores de História, em consonância com suas percepções da profissão, da História e do trabalho que realizam. Para este texto, em particular, trazemos as falas da professora Gracielle Tomaz da Silva Xerfan<sup>144</sup>, cujas narrativas expressaram a potencialidade existente na relação entre a oralidade e a corporeidade do ser professora ensinando História.

A entrevista com a professora Gracielle foi feita no dia 31 de outubro de 2018, em uma escola particular onde ela leciona ainda hoje, na cidade de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Antes de chegarmos à entrevista, acompanhamos suas aulas a partir do dia 28 de março até 16 de maio daquele ano, e, conhecendo seu trabalho, nos foi possível desenhar as perguntas que lhe foram dirigidas. Contudo, mais do que isso, também podemos afirmar que, com base em nossas observações, a professora é comprometida com suas atividades profissionais, valorizando estar em sala de aula e a convivência com seus pares. Sua ação docente manifesta a importância de uma aproximação entre seu trabalho e os alunos, da mesma forma que exprime a relevância da aproximação entre os alunos e a História.

Tendo como objetivo central deste texto compreender como a relação entre História Oral, oralidade e voz pode ser um eixo fulcral no entendimento da profissão docente, podemos ainda, estabelecer alguns objetivos secundários, como, (a) apreender como nossa

---

<sup>143</sup> O presente artigo é inspirado na minha dissertação de mestrado, intitulada “Produção de presença e produção de sentido nas aulas de História (Tempo, formação e saberes no trabalho docente)”, defendida no ano de 2019, na Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof. Dr. Everardo Paiva de Andrade.

<sup>144</sup> Optamos por utilizar o nome verdadeiro da professora por dois motivos principais: primeiro porque a mesma nos autorizou; segundo porque defendemos que é preciso reconhecimento e valorização do profissional da Educação, assim, apresentamos o trabalho de nossa professora com o intuito de destacar sua ação profissional consciente e cativante, seu compromisso, ética e respeito com o Magistério, seus alunos e a sociedade.

corporeidade possibilita novos olhares sobre a docência e (b) vislumbrar as possibilidades em torno da linguagem e da oralidade enquanto produtoras de presença.

Para uma melhor organização de ideias, dividimos este trabalho em quatro momentos: (i) primeiro traçamos algumas reflexões em torno da História Oral; (ii) depois, delineamos percepções de como a produção de presença pode nos ajudar a compreender a oralidade; (iii) em seguida, apresentamos as ideias em torno da voz e da oralidade; (iv) para enfim, estabelecer o diálogo entre História Oral, oralidade e a narrativa da docente Gracielle.

### **História Oral: questionamentos e percepções**

O que seria a História Oral? Começar com uma indagação não significa que conseguiremos em poucas linhas definir, de modo preciso e enfático, o que de fato é História Oral, na verdade, nem almejamos tal tarefa reducionista. Entretanto, perguntar nos impulsiona a questionar as simplificações e respostas prontas, levando-nos, ainda, a ampliar o horizonte de referências. Possivelmente, uma primeira reação ao termo é o de associá-lo a uma metodologia de investigação, contudo, a História Oral é mais ampla e possui perspectivas diversas, o que nos adverte do perigo em tentar reduzi-la sob nosso ponto de vista.

Uma possibilidade de vislumbrar as diferentes formas de compreender o que é a História Oral é através de um mergulho nos trabalhos de Alessandro Portelli (1997). O referido autor salienta sua importância enquanto alternativa diante do pensamento “oficial” e dominante presente nos séculos XX e XXI, e, acrescenta que a História Oral pode ser entendida como: (i) uma fonte de informação sobre acontecimentos históricos; (ii) um evento em si mesmo; (iii) uma área de conhecimento; (iv) uma prática; (v) um modo de viabilizar sujeitos que foram silenciados ou ocultados e/ou (vi) um instrumento de luta política.

Para Portelli, o que torna a História Oral diferente é a possibilidade que ela apresenta de um novo olhar sobre situações e espaços ainda não observados da vida cotidiana de classes e sujeitos não hegemônicos. Segundo ele, “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p. 31). Dessa forma, o autor enfatiza que uma narrativa em História Oral não pode ser vista necessariamente como “falsa” ou “errada”, pois ela pode ser considerada como a versão daquele que narra, ou seja, “psicologicamente correta”, o que ressalta a perspectiva

da memória enquanto “um processo ativo de criação de significações” (PORTELLI, 1997, p. 33), e não apenas um recipiente de acúmulo de fatos.

Além da constante significação e ressignificação que o próprio sujeito realiza através da rememoração na construção de sua fala, a História Oral também nos permite atentar para a relação que se compõe entre os sujeitos, seja na entrevista de História Oral, seja no encontro com diversos indivíduos que passam pela sua trajetória – e, conseqüentemente, presentes na narrativa – daquele que está a oralizar e narrar. Isso nos mostra que a História Oral também é concebida como um “gênero multivocal” (PORTELLI, 2010, p. 20), e, como tal, resulta de um intenso diálogo elaborado por uma pluralidade de atores e autores.

Corroborando com a perspectiva abrangente de Portelli, podemos citar também o trabalho de Inês Teixeira e Vanda Praxedes (2006). Afirmando ser a oralidade a base da História Oral, as autoras acrescentam a ideia de “movimento de caráter educativo, pedagógico” (TEIXEIRA, PRAXEDES, 2006, p. 165) atrelado à História Oral. Resumidamente, o que elas defendem é a capacidade formadora que reside na elaboração do sujeito ao falar sobre sua trajetória, construindo e reconstruindo significados às memórias, pessoas, relações e contextos. Nesse processo quase artesanal, os sujeitos (ou grupos e coletividades) se “movimentam” sobre si mesmos e o que vivenciaram, passando a “lapidar, a remodelar a si mesmos, as suas histórias” (TEIXEIRA, PRAXEDES, 2006, p. 165).

Esse aspecto de “movimento” também se refere ao social. Ou seja, ao ocupar-se da memória viva, a História Oral liga-se também às identidades e histórias, contudo, vai além das histórias individuais dos sujeitos, alcançando grupos e, mesmo, movimentos sociais, pois ela é “movimento de resgate histórico e de construções identitárias destes protagonistas da vida social” (TEIXEIRA, PRAXEDES, 2006, p. 166).

Como podemos verificar, a História Oral não se atém a uma descrição ou apenas um modo de compreensão, de maneira semelhante, ela não é monopólio de um campo de saber, mesmo que sua origem tenha sido na Escola de Sociologia de Chicago, nos trabalhos de História de Vida, nas décadas de 1920 e 1930. A História Oral pode ser feita em diversos campos disciplinares e nas mais variadas áreas do conhecimento, todavia, aqui daremos destaque à História Oral junto ao trabalho de investigação em torno da oralidade presente nas narrativas de professores.

Em consonância com os autores citados e com nossa intenção em relacionar História Oral, oralidade e narrativas de professores, devemos, ainda, acrescentar as reflexões de Everardo Andrade e Juniele Almeida. Em seu texto (2019), os autores refletem acerca da apropriação das histórias de vida de professores pelas diferentes pesquisas – em História Oral de vida, História Pública, em biografia ou em pesquisa-formação –, além de questionar o aspecto temporal presente na vida, profissão e carreira docente.

Iniciando sua discussão fazendo referência à valorização da voz e da oralidade frente a um paradigma cartesiano – que preza pelas interpretações e configurações de sentido junto ao domínio da palavra escrita –, Andrade e Almeida ao discorrer sobre as histórias de vida em narrativas autobiográficas de docentes as relacionam a História Oral de vida, uma das vertentes da História Oral. Segundo os autores, a História Oral de vida, cujo cerne é a trajetória dos sujeitos históricos, viabiliza ao pesquisador “desenvolver e fundamentar análises a partir da constituição de fontes e arquivos orais que desempenham papel fundamental na relação entre memória e experiência” (ANDRADE, ALMEIDA, 2019, p. 22-23).

A conexão entre “experiência, memória e oralidade” é fundamental para a História Oral de vida, uma vez que é nesta interface que se encontram os registros do dia a dia dos sujeitos, além de ser uma importante esfera de aprendizagem. A opção dos autores por enfatizar essa vertente<sup>145</sup> no decorrer da escrita dialoga com sua proposta de dar destaque às histórias de vida de docentes, uma vez que a História Oral de vida busca as experiências e as trajetórias dos sujeitos por suas narrativas.

Empenhando-se em alcançar a memória viva por meio da oralidade dos sujeitos, a História Oral também é um espaço para a intersubjetividade. Na relação entrevistado e entrevistador, o primeiro é incentivado a narrar suas experiências, o que suscita o compartilhamento de vivências, emoções e mesmo, sentimentos, mas ao mesmo tempo, ocasiona a concepção de argumentos históricos, e, com relação à História Oral de vida não é diferente.

O que se torna manifesto ao abordarmos a História Oral é que ela nos abre a possibilidade de trabalhar com uma fonte fundamental: as pessoas. E são esses sujeitos que,

---

<sup>145</sup> O trabalho ainda cita as outras vertentes: história oral temática e tradição oral, que optamos por não detalhar aqui, tendo em vista que nosso foco é compreender a relação entre oralidade, História Oral e narrativas docentes.

ao mergulhar em sua consciência e recordações do passado, vão nos permitir acessar suas memórias. Sendo várias as concepções de memória, nos aproximamos da definição de Marieta Ferreira (2000) que alega ser a memória uma “construção do passado pautada por emoções e vivências” (Ferreira, 2000, p. 111), que passam a ser lembradas através da experiência posterior e dos anseios do presente.

Sendo um modo de experiência e de conhecimento, a memória é um dos caminhos pelos quais os sujeitos podem transitar pela temporalidade de suas vidas e trajetórias. Além disso, ela “atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo que inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados” (DELGADO, 2003, p. 18).

Como argumenta Le Goff, os fenômenos da memória nos possibilitam “sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas” (LE GOFF, 1990, p. 367). E mais do que isso, nos impulsionam a refletir, a questionar e a ponderar sobre as memórias que nos formam e as que formamos ao longo do tempo:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 9).

Carregando o potencial de presentificação do passado e de sentidos físicos que ultrapassam o próprio corpo, a memória é desenhada e socializada pela linguagem (BOSI, 1994, p. 18) e pela voz, e, por meio destas, o sujeito tece os fios do seu narrar, evidenciando fragmentos, escondendo outros, deixando-nos perceber os esquecimentos, os apagamentos, as ausências e presenças, sejam elas voluntárias ou espontâneas.

Diante de tudo o que discutimos até agora, é possível afirmar que, ao falarmos de História Oral estamos diante de um assunto complexo, intrigante e com muitas nuances, entretanto, abordando autores com concepções diversas, mas em consonância, o que fica expresso é o destaque à oralidade: é através desta, que os sujeitos compartilham suas memórias em História Oral; que narrativas são construídas e reconstruídas; que se comunicam histórias e significados ao entrevistador; e é a oralidade o elemento chave para se compreender uma trajetória e se fazer História Oral.

Como mencionado no início deste texto, não é nosso objetivo aqui definir o que é ou o que possa ser a História Oral, nosso intuito, na verdade, é traçar algumas reflexões em torno

da ideia de oralidade, percebendo a intrínseca relação entre ela e a História Oral, destacando a potencialidade dessa relação, percebendo ainda, a contribuição para a compreensão do ofício docente, por meio da oralidade dos professores.

### **Presença da voz: Produção de presença e oralidade**

A História Oral, tal qual a ênfase na oralidade, é uma escolha do pesquisador e não uma saída para o preenchimento de lacunas. De acordo com Portelli (1997), a História Oral alterou a maneira de escrever da História: de modo semelhante aos romancistas do século XIX, a escrita que tinha no narrador a imagem de um indivíduo que assistia aos acontecimentos de cima, narrando-os na terceira pessoa, passou, com a História Oral, a trazer a pessoa do narrador para dentro da narrativa, tornando-o parte da história. Com isso estabeleceu-se uma nova atitude narrativa, além de um envolvimento maior desse narrador, tanto politicamente, como num sentido pessoal.

Podemos afirmar, então, que a fala do sujeito em uma entrevista de História Oral não é, portanto, um mero suporte ao documento escrito, mas a própria História sendo escrita, ou melhor, oralizada. Mais do que isso, podemos também identificar nessa relação História Oral e oralidade uma outra forma relacional com o mundo e a História: a voz humana “é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença” (ZUMTHOR, 1997, p. 11). Ou seja, pela voz é possível fazer presente a história, o passado e os próprios sujeitos da narrativa, um aspecto material e físico, diferente de nosso paradigma cartesiano.

Para nos ajudar a esclarecer a possibilidade apontada acima, contamos com a obra de Hans Ulrich Gumbrecht (2010), que ao estabelecer que vivemos em uma cultura de sentido – na qual priorizamos a atribuição e identificação de sentido nos objetos, nos acontecimentos e nos sujeitos –, acabamos por suprimir e ignorar as diferentes maneiras do físico nos afetar. Frente à predominância do sentido e da interpretação, o autor defende a “produção de presença” em nossa relação com o que nos cerca, numa coexistência entre os efeitos de significação e presença.

Dessa forma, a produção de presença é concebida por Gumbrecht como a sensação de ser a corporificação de algo, ou seja, ela é tudo aquilo que nos toca fisicamente e

sentimentalmente. Para o autor, existem eventos e processos em que se inicia ou se intensifica o “impacto dos objetos ‘presentes’ sobre corpos humanos” (2010, p. 13). Esse desejo de presença é apreendido como uma reação ao mundo cartesiano e historicamente específico em que vivemos e que nos impulsiona a sentir uma ânsia pela presentificação de um passado – o qual não se pode mais cheirar, ouvir ou mesmo tocar – e, que nos leva a questionar como nos relacionaríamos com determinados objetos históricos se os encontrássemos em seu tempo.

Esse desejo de presentificação pode, ainda, ser traduzido em momentos específicos de intensidade que possuem a capacidade de exercer um apelo sobre nós e elevar o que sentimos, seja através das faculdades gerais, cognitivas, emocionais ou físicas. Tais momentos podem ser vivificados pela voz humana. Ao definir a produção de presença, o autor alemão afirma que qualquer forma de comunicação tem potencial para esse fenômeno, assim, podemos dizer que, a oralidade também é produtora de presença.

Gumbrecht, em seu texto “A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado” (2009), enfatiza a ideia de presença física da linguagem ao questionar acerca de sete tipos de amálgama entre presença e linguagem<sup>146</sup>. Trazendo uma crítica a nossa cultura moderna ocidental que, paulatinamente, omitiu essa presença, subordinando essa capacidade, o autor conclui seu pensamento frisando que “a linguagem pode produzir epifanias nas quais o passado é tornado presente” (2009, p. 19).

Mesmo que a linguagem falada como realidade física toque cada pessoa de maneira específica, variando de indivíduo para indivíduo, a fala e seu ritmo tem a capacidade de chegar até nós “como o leve toque do som em nossa pele” (GUMBRECHT, 2009, p. 13), gerando sensações e emoções. Mais do que isso, a presença da voz torna expressivas, compreensíveis e acessíveis as experiências sociais distanciadas no tempo, espaço e na cultura.

Defendendo a possibilidade de uma realidade física da linguagem falada, Gumbrecht salienta que ela não apenas aciona o senso acústico, mas incide e afeta o corpo em sua totalidade. Além disso, ela carrega um ritmo que pode:

coordenar os movimentos de corpos individuais; pode dar apoio à performance da nossa memória (pense naquelas rimas pelas quais nós

---

<sup>146</sup> Gumbrecht detalha os tipos de amálgama em seu texto “A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado” (2009), aqui apenas citaremos alguns.

aprendemos algumas regras básicas de gramática latina); e, ao supostamente reduzir o nível de nossa vigilância, ela pode ter (como Nietzsche afirmou) um efeito “intoxicante” (GUMBRECHT, 2009, p. 14).

Continuando a caracterizar as possibilidades da linguagem e da oralidade enquanto produtoras de presença, o autor acrescenta, ainda, que a “linguagem, sob determinadas (e variadas) condições, pode tornar o passado tangivelmente presente” (GUMBRECHT, 2009, p. 16).

Quando falamos em produção de presença, logo direcionamos nosso entendimento para os objetos que se encontram no espaço – como livros, utensílios, vestimentas, etc. – ou locais que foram marcados por eventos históricos – como os centros históricos, campos de batalha, dentre outros lugares – e que carregam em si a tangibilidade do passado. Entretanto, a linguagem também nos permite esse “apontar” para objetos e locais, e, acrescentemos a esse “apontar”, as experiências, vivências, culturas e hábitos, que “conferem uma presença material ao passado dentro do presente temporal” (GUMBRECHT, 2009, p. 18).

### **Oralidade: o potencial da voz humana**

A perspectiva da produção de presença possibilita-nos dizer que a voz humana possui uma presença, uma força, uma presença física. Ela não está presa a tempos lineares, nem mesmo a espaços circunscritos. Segundo Boaventura de Souza Santos, “nas suas múltiplas manifestações, imita, recria e subverte os domínios da realidade que se alteram, que de distantes se tornam próximos, de estranhos se tornam conhecidos, ou vice-versa” (2019, p. 94).

Com relação a forte presença irradiada não somente pela voz, mas pelo corpo humano, Santos, fazendo uma leitura da obra de Gumbrecht, ainda acrescenta que:

Um monte de corpos mutilados num campo de extermínio, o corpo esquelético de uma criança prestes a morrer de fome, o grito de uma mulher debruçada sobre o cadáver do filho jovem, a visão de um corpo nu de um homem ou de uma mulher, um movimento ou uma postura extáticos, o movimento do corpo, os cheiros, os instrumentos e os ingredientes de um ritual, todas essas presenças possuem um poder que parece ser relativamente autônomo no que se refere aos significados que lhes possam ser atribuídos (SANTOS, 2019, p. 157).

Esse “poder relativamente autônomo” que ecoa na produção de presença, urge frente às significações que possamos vir a fazer, e, envolve a sensorialidade do corpo, seja de modo individualizado em cada pessoa ali presente, ou, mesmo de uma forma coletiva, com reações e movimentos comuns. Isso fica ainda mais claro quando nos referimos à produção de presença da oralidade humana.

Ao tratarmos da oralidade e da voz neste texto, recorreremos, especialmente, a obra de Paul Zumthor, que exprime a necessidade de percebermos a “vocalidade sentida como presença” (2018, p. 76). Por certo, o medievalista<sup>147</sup> preocupa-se com os estudos em torno da voz, enquanto Gumbrecht<sup>148</sup> focaliza na força da materialidade, todavia, encontramos rico e promissor diálogo entre os dois autores.

Precisando acerca dos aspectos principais da vocalidade, Zumthor estabelece que a voz é cercada de plena materialidade, sendo assim, ela possui traços descritíveis e, portanto, é possível para nós interpretá-la. Repousando no silêncio do corpo, dele, ela emana, retornando, posteriormente, para seu interior, contudo, isso não implica isolamento. A voz é ligada a sociabilidade, pois ao emitir nossa voz ou ouvir de outrem, reconhecemos que não estamos sozinhos no mundo: “minha voz ouvida revela-me a mim mesmo, não menos – embora de uma maneira diferente – que ao outro” (ZUMTHOR, 2018, p. 80).

Continuando sua exposição, o autor indica que a linguagem humana se liga à voz, e, mais do que transmitir qualquer coisa através da linguagem, a voz se diz, sendo por meio dela que a palavra se expõe. Mas o falar da voz também envolve ouvir, e, pela audição o corpo encontra-se presente em si mesmo, uma presença espacial e íntima.

“Cada sílaba é sopro, ritmado pelo batimento do sangue” (ZUMTHOR, 1997, p. 13), porém, por mais que a palavra seja uma das manifestações mais iminentes da vocalidade, ela não é a única. A oralidade está relacionada à expansão do corpo, a nossa gestualidade e ao que, em nós, se direciona a outro sujeito, ela detém ritmos, pulsações e palpita vida, “a voz, personalizada, ressacraliza o itinerário profano da existência”. (ZUMTHOR, 1997, p. 217).

---

<sup>147</sup> Paul Zumthor cita alguns trabalhos de Gumbrecht em sua obra “Performance, recepção, leitura”. São Paulo: Ubu Editora, 2018. E também na obra “Falando de Idade Média”. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Debates).

<sup>148</sup> Hans Ulrich Gumbrecht menciona em sua obra os trabalhos de Paul Zumthor, escrevendo, inclusive um texto que dialoga diretamente com a obra do medievalista intitulado, “Presença e plenitude: sobre um traço filosófico na obra de Paul Zumthor”, publicado em seu livro “Serenidade, presença e poesia”. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2016. p. 109 – 130.

Gumbrecht complementa essa posição de Zumthor ao dizer que a voz possui uma forma, uma substância que é capaz de tocar os corpos (GUMBRECHT, 2016, p. 119), isso porque a voz é figura de vida, ela é “mais afirmação que conhecimento, e menos testemunho que experiência” (ZUMTHOR, 1997, p. 211). Assim, podemos dizer que a voz executa duas oralidades: uma que é realizada a partir da experiência de cada indivíduo, e, outra, que provém de um conhecimento mediatizado. Dessa forma, podemos dizer que a voz é presença de experiência e produção de presença de um sujeito ao narrar sua experiência.

Mais do que emanação do corpo representado pela voz, já que esta o ultrapassa, a voz pode ser entendida como a emanação da produção de presença. Presença da experiência e presença dos sujeitos, como já afirmamos, mas sua capacidade vai além de meras limitações: ela também carrega a potencialidade da produção de presença da memória e das identidades pela oralidade. Zumthor ao usar o exemplo da poesia oral, expressa esse potencial,

O que me revela de fato a voz do poeta é – duplamente – uma identidade. Aquela que traz a presença em um lugar comum, onde se cruzam os olhares; aquela também que resulta de uma convergência dos saberes e da evidência antiga e universal dos sentidos (ZUMTHOR, 1997, p. 265).

A oralidade espacializa a memória, assim como, interioriza e expressa a identidade. É a voz – cujas dimensões se estendem pelo espaço – que alcança o próprio indivíduo que a externaliza, e, também, indo de encontro aos sentidos daqueles que estão ao seu alcance, deixando que ela os afete, modela fisicamente o que diz, fundando a realidade e fazendo com que aquilo que conta se desenvolva em um espaço-tempo particular e próprio.

Argumentando um pouco mais sobre esse pensamento, Zumthor (e aqui podemos fazer uma ligação direta com o trabalho de Gumbrecht) enfatiza o grande peso da presença do passado, evidenciando a importância da voz em nossa relação com o passado comum. A produção de presença do passado pela voz pode extrair deste “uma incitação à luta, uma justificação, tanto mais convincente na emoção provocada” (ZUMTHOR, 1997, p. 283). Ou ainda, a voz é capaz de evocar o passado para “multiplicá-lo no futuro onde ela o projeta”. (ZUMTHOR, 1997, p. 283).

Memória viva, identidade, forma, substância, experiência, expansão do corpo, sensorialidade, e, sobretudo, produção de presença, a voz, e, a conseqüente oralidade que temos acesso através dela, é um campo de amplas possibilidades, e uma dessas possibilidades

é sua vinculação com a História Oral. A oralidade é capaz de ser um elemento penetrante e esclarecedor no que diz respeito a entender a profissão docente por meio da voz e da narrativa de professores, pois, como alega Zumthor, “o lugar da voz é a concha matricial, nos confins do silêncio absoluto e dos barulhos do mundo, onde ela se articula na contingência de nossas vidas” (1997, p. 170).

É mister ressaltar que, ao associar a História Oral e a oralidade não nos esquecemos que a voz dos sujeitos, em sua atividade oratória diante de uma entrevista, vai precisar ser inscrita em arquivos sonoros ou audiovisuais e posteriormente transcrita (como é o caso da entrevista em História Oral que apresentaremos a seguir). Para Zumthor, esse processo de gravação, transcrição e, conseqüente transmissão pelas mídias, gera uma liberação “das amarras imediatas do tempo” (1997, p. 64): a voz situa-se no tempo presente de sua enunciação, ao mesmo tempo em que ao terminar de ser proferida encontra-se no passado, mas também no futuro, sendo este futuro delimitado pela capacidade de durabilidade do material de gravação.

Gravador ou câmera e mídias digitais (sejam sonoras ou audiovisuais) possibilitam que seu conteúdo alcance individualmente um grande número de ouvintes, entretanto, captar a totalidade do fenômeno que a voz e as demais sensorialidades nos oferecem se torna uma atividade com mais empenho, mas, ainda assim, não deixa de ser um convite à produção de presença, principalmente, se considerarmos a materialidade destes objetos como possíveis produtores de presença.

Mesmo gravada, a oralidade não deixa de ser uma voz, ela não deixa para trás sua potencialidade de nos tocar fisicamente e nem mesmo, de propagar sua mensagem. O que pode vir a ocorrer é um distanciamento entre o momento de sua “produção” e o de sua propagação, deixando margem para uma mobilidade espacial e temporal da voz. Segundo Paul Zumthor, nesse processo, a presença física daquele que fala se apaga e o que se conserva e persiste é o eco de sua voz, dito de outro modo, permanece a presença da voz (e no caso da filmagem, o que persiste é a fotografia ou a imagem).

Do outro lado, quem escuta está inteiramente presente nesse ato, envolvido junto aos seus sentidos, em especial a audição, mas não unicamente ela. Todavia, no momento da gravação, esse ouvinte poderia não estar presente, ter sido uma figura abstrata e que, ainda assim, consegue ter acesso e ser afetado pela voz que foi gravada.

Mesmo admitindo que a voz viva, no momento de sua pronúncia, não seja a mesma contida em uma gravação, reiteramos que ela ainda pode exercer seu poder, sua força, contudo, mas e quando ela é escrita, como é o caso apresentado neste artigo?

Ao enfatizar a voz, a princípio, parece que estamos visualizando um precipício entre a oralidade e a escrita. Portelli, porém, alega que “a fala e a escrita, por muitos séculos, não existiram separadamente: se muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, a oralidade moderna, por si, está saturada de escrita.” (PORTELLI, 1997, p. 33).

Pensando de modo prático, em nossa entrevista de História Oral com a professora Gracielle, sua voz, presente fisicamente no espaço da entrevista, nos envolveu com suas nuances, ritmos, pausas, sua tonalidade, timbre e volume. Somado a isso, contamos também com suas expressões, suas movimentações e a forma como se portou naquele espaço ao narrar sua história. A gravação da entrevista foi feita em áudio, sendo assim, ao escutá-la, perdemos a visualização de seus movimentos e o que nos resta é tentar descrevê-los. Transformar sua fala em escrita é algo ainda mais complexo: acrescenta-se pontuações, faz-se frases e parágrafos e etc.

Diante desse intenso e complexo modo de lidar com a voz, Zumthor estabelece que a oralidade não é definida pela escrita, da mesma forma, que a escrita não pode ser vista como uma simples transposição do que é oral, mas não podemos deixar de perceber, como acima apontou Portelli, que elas dialogam: “em cada época, coexistem e colaboram homens da oralidade e homens da escrita” (ZUMTHOR, 1997, p. 37).

Transcrever uma entrevista de História Oral não é simplesmente “passar para o papel” a oralidade, mas sim materializar a vida e a fala. Assim como a voz, a escrita pulsa, emana existência e presença, possui substância, afeta o corpóreo, ocupa e se propaga pelo espaço:

A oralidade interioriza, assim, a memória, do mesmo modo que a espacializa: a voz se estende num espaço, cujas dimensões se medem pelo alcance acústico, aumentada ou não por meios mecânicos, que ela não pode ultrapassar. A escrita evidentemente é também espacial, mas de uma outra maneira. Seu espaço é a superfície de um texto: geometria sem espessura, dimensão pura (exceto nos jogos tipográficos de certos poetas), enquanto a repetitividade indefinida da mensagem, em sua identidade intangível, lhe dá a garantia de vencer o tempo. O resultado é a maneabilidade perfeita do texto: eu o leio, releio, divido, junto, desço ou subo à vontade o seu percurso. Ele se apresenta, na pedra ou na folha de papel, como um todo e

é assim perceptível. Quaisquer que sejam as falhas, as dissimulações (literariamente, os mascaramentos) que a mensagem comporte, uma percepção global torna-se desse modo possível: em tendência, sintética, logo abstrata (ZUMTHOR, 1997, p. 42).

Dessa forma, ao percebermos que oralidade e escrita não são inimigas, nem antagônicas, aquele precipício parece ficar cada vez menor<sup>149</sup>. Podemos, inclusive, fazer uma ponte entre essa relação e a especificação de Gumbrecht sobre a oscilação entre presença e sentido. Segundo o teórico alemão, mediados e envoltos por nuvens de significado, os efeitos de presença não estão numa relação de complementaridade, mas de “oscilação” (GUMBRECHT, 2010, p. 15) ou “tensão” (GUMBRECHT, 2010, p. 134). Sendo assim, é preciso uma conexão com o mundo que oscile/tensione entre os efeitos de presença e os efeitos de sentido. Ou seja, presença e sentido não são excludentes, da mesma forma, que oralidade e escrita também não são, nossa relação com o mundo precisa de ambas dialogando constantemente.

### **Oralidade e História Oral: a presença da voz da professora Gracielle para compreender o trabalho docente**

A voz humana, ou as vozes, como adverte Zumthor, “são por natureza particulares e concretas” (2018, p. 14), o que significa que cada indivíduo é um mundo em si, complexo, heterogêneo, multifacetado, labiríntico, com meandros, sutilezas, profundidades e emergências. A voz, por sua vez, segue esta mesma linha de raciocínio, é ímpar, original e singular, é ainda, um mundo, é sopro, vida, é fala, euforia, lamento e memória. A voz, aqui, é também nossa chave de acesso à fala dos professores. Suas histórias, vivências, experiências, reflexões e apontamentos chegam até nós, em uma entrevista de História Oral, por sua oralidade, pela potência de suas vozes.

Ao construir uma narrativa, Portelli afirma que existe um alto grau de dedicação e empenho na relação daquele que fala com sua própria história, por isso, esse testemunho oral não se repete em sua totalidade, ele nunca vai ser igual duas vezes, até porque ele é elaborado em uma associação falante/ouvinte. Este é um encontro que não pode ser

---

<sup>149</sup> Isso não significa que estejamos afirmando que sejam elementos idênticos, nem mesmo parecidos, cada uma possui suas características e formas próprias.

diminuído, afinal cada entrevista de História Oral é singular e vai suscitar questões e falas que dificilmente vão se repetir de maneira igual. E aqui cabe o destaque ao relevo da voz: se no relacionamento da entrevista de História Oral percebemos os meandros da voz, sua força e presença, podemos entender na fala dos professores o peso do compromisso e da responsabilidade da profissão, da mesma forma, que vislumbramos o contentamento, os impasses, as resistências e os silêncios.

É a voz que nos dá a tonalidade da empolgação que cercam certas lembranças; é ela que vai murmurar, baixar o volume ou silenciar em um assunto delicado; é através da voz que o sujeito vai se expressar sem utilizar palavras propriamente – por meio de sons e exclamações –, demonstrando sentimentos e contrariedades; é ainda por ela que percebemos frustrações e a tristeza de um objetivo não alcançado. A voz é potência para entender o percurso de uma vida e de uma profissão:

A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista, e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo: o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências (ZUMTHOR, 1997, p. 15).

Na ponta da língua, na oralidade formada na garganta e nos lábios, os professores – ao falarem acerca dos enredos e rumos da vida e ao mergulhar nas histórias –, emergem nas palavras e nos silêncios as percepções da profissão docente. O caldeirão da memória que se forma com suas lembranças e narrativas oralizadas, somadas às suas expressões corporais e faciais e seus gestos, vão dando as pistas do que é a docência, numa imersão nas memórias de seu cotidiano, em suas práticas e constantes reflexões e em seus saberes (re)construídos e (re)significados a cada dia, e, que gritam nas tonalidades de sua voz e de sua narrativa.

A História Oral convida os professores a falarem de si, do que pensam, como vivem, suas experiências de trabalho, e assim, os sujeitos “dão voz e sentido às suas vivências, trazem a vida velada e revelada nas significações que lhes atribuem. Não raro a vida ‘presa na garganta’, quando vivida como sofrimento e dor” (TEIXEIRA, PRAXEDES, 2006, p. 163). Ou seja, a voz não se limita a descrição, ela age, se manifesta, grita e expressa.

A oralidade junto da História Oral contribui para acessarmos o saber-fazer e o saber-dizer dos professores, manifestando a possibilidade de compreendermos seu saber-ser no tempo e espaço. Sendo a voz “emanação do nosso ser” (ZUMTHOR, 1997, p. 157), capaz de

produção de presença: “tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa)” (ZUMTHOR, 1997, p. 157).

Mediante as reflexões feitas, trazemos agora as falas da professora Gracielle para dialogar conosco acerca da potencialidade da oralidade, no intuito de compreender um pouco mais a profissão docente. Antes, contudo, delinearemos como se constituiu a entrevista. Como mencionamos na introdução deste texto, as falas da professora fazem parte da empiria analisada em nossa dissertação de Mestrado, mas que (junto às entrevistas de outros dois professores), foram tão ricas que nos impulsionaram a ampliar nossas análises, permitindo perceber outras questões de pesquisa, aprofundar nosso referencial, e, assim, chegar até o Doutorado.

Sendo assim, consideramos importante explicitar como foi construída a metodologia aplicada. A professora foi escolhida e convidada para participar da pesquisa com base em um conhecimento prévio de seu trabalho<sup>150</sup>. Antes da realização da entrevista, observamos suas aulas, fazendo anotações em nosso caderno de campo, enquanto o gravador as gravava em arquivos de áudio. O material levantado foi parte fundamental da investigação, uma vez que buscamos estudar sua atuação em sala de aula, entretanto, ao mesmo tempo, ele nos ajudou a compor o roteiro semiestruturado da entrevista.

O roteiro contava com três momentos: primeiro indagávamos acerca de sua história de vida e escolha pela profissão; depois perguntávamos sobre sua trajetória de formação; e por fim, diante de nossas observações, as perguntas tinham como base sua atividade docente. A entrevista nos possibilitou conhecer a história da professora Gracielle, suas escolhas, seu entendimento da profissão e a forma como compreende e significa seu trabalho.

Neste texto, mesmo sem o auxílio do áudio para o leitor, traremos trechos de sua entrevista para uma conversa sobre a potência que reside na voz de um(a) professor(a). A opção por utilizar trechos se deve a dois motivos principais: (i) a entrevista completa junto a sua análise não caberia no artigo e (ii) escolhemos os falas que mais dialogam com a proposta deste trabalho e que nos impulsionaram a caminhar na direção das ideias aqui expostas.

---

<sup>150</sup> Conhecemos seu trabalho na época da graduação, realizando o acompanhamento de suas aulas durante o período de estágio para a disciplina de Pesquisa e Prática de Ensino, o que nos permitiu convidá-la para a pesquisa do Mestrado.

A entrevista com Gracielle foi feita na sala dos professores do CEPAF, um ambiente com uma grande mesa e cadeiras em volta dela, paredes brancas com estantes cheias de livros, alguns trabalhos de alunos e a sempre presente cafeteira. Na sala somente estavam a docente e quem a entrevistava, o que permitiu tranquilidade e privacidade.

### **Logo de início, a professora foi convidada a se apresentar:**

Meu nome é Gracielle, eu tenho trinta anos e eu moro aqui em Nova Cidade <sup>151</sup> agora, mas eu nasci aqui na área, moro aqui desde que eu nasci por aqui pelas redondezas. Minha família é de um bairro vizinho, agora eu estou morando em Nova Cidade. Sou casada, mãe recente de uma bebê de cinco meses, né, eu acho que isso mudou bastante minha perspectiva. Minha formação até o Ensino Médio foi toda em escola pública: até oitava série em escola municipal, Ensino Médio em escola estadual e a formação profissional é UERJ, Faculdade de Formação de Professores aqui em São Gonçalo também. Sou formada há cinco anos, dou aula aqui no CEPAF há quatro, acho que resumindo é isso. [Início da entrevista realizada no dia 31 de outubro de 2018].

Como se apresentar e o que explicitar foi uma escolha de Gracielle. Resumidamente, ela nos traz elementos chave de sua vida: onde mora, sua família, sua formação e profissão. É interessante perceber que falar de si mesma não envolve apenas aspectos pessoais, mas fica claro que a profissão escolhida também faz parte da pessoa Gracielle.

Eu escolhi ser professora e professora de História na antiga 5ª Série quando eu tive a primeira aula de História. E o curioso é isso que não foi uma aula maravilhosa, assim, a professora que me deu aula na época é marcante porque foi minha primeira professora de História, mas não foi algo assim que lembre das aulas com exatidão. Mas eu fiquei com aquela coisa de que é isso o que eu quero e essa ideia foi amadurecendo e então desde esse período eu já sabia que, profissionalmente falando, eu queria seguir esse ramo: ser professora de História.

O Magistério para Gracielle foi uma decisão: ela escolheu se tornar professora daquela disciplina no futuro. Visitando suas memórias e relembrando suas atividades de estudante, Gracielle faz uma ressignificação de seu passado, como nos aponta Portelli (1996, p. 60), e, relaciona as experiências com sua professora de História ao seu desejo de ser docente. O que é preciso destacar é a forma que ela se referiu a essa memória: a aula não foi

---

<sup>151</sup> Nova Cidade é um bairro da cidade de São Gonçalo.

maravilhosa. O que nos faz pensar que, mesmo uma aula “convencional”, com a professora utilizando sua voz e seu corpo para a explicação, também pode ser um momento potencial para a produção de presença da voz e do profissional professor.

A voz põe em presença o sujeito professor ao vivificar suas narrativas pela oralidade, expandindo-a no espaço e afetando outros sujeitos, como afetou Gracielle enquanto aluna. A voz pode ser – e muitas vezes é – entendida como a principal “ferramenta” de trabalho do professor (principalmente do professor de História), que a utiliza para explicar o conteúdo da disciplina, para fazer a chamada, para chamar a atenção dos alunos, etc. Podemos dizer, então, que a voz do professor aparece e pode ser ouvida constantemente entre as paredes da sala de aula. Mas aqui, não estamos nos referindo à voz do professor apenas de maneira “técnica”, foi pela voz que a professora tocou a aluna Gracielle, a marcou e instigou acerca da profissão: professora de História.

Somente nesses primeiros trechos percebemos dois potenciais da oralidade: primeiro, na professora em sala de aula ao tocar sua aluna com sua “ferramenta” mais óbvia de trabalho, a voz; segundo, na narrativa de Gracielle ao tornar uma memória viva e significativa.

As observações que fizemos das aulas da docente mostraram o quanto a oralidade é presente em seu trabalho. A voz de Gracielle tem uma tonalidade forte, marcante, e, além disso, ela faz uso constante de seus movimentos corporais e expressões faciais. Questionada sobre a forma como desenvolve suas aulas e sobre seu desempenho em sala, a professora Gracielle fez menção a sua personalidade:

**É pessoal, isso não é nem algo profissional. Eu sou muito expressiva, eu sou de gesticular, de andar. Isso é mais da minha personalidade mesmo do que algum recurso didático, não é pensado nisso não. Lógico que uma hora ou outra sai uma expressão mais para chamar a atenção, sai um movimento mais brusco para chamar a atenção, mas no geral é personalidade mesmo.**

Expressiva e enfática em suas explicações, Gracielle atribui essas características a sua personalidade. É interessante notar como a personalidade se mostra forte na profissão docente, com ela os professores constroem seus próprios jeitos de dar aula, de se aproximar de seus alunos e tornar a História mais próxima para eles. Obviamente, numa profissão que tem em seu cerne seres humanos, as características desses seres precisa ser levada em consideração. Sendo assim, não podemos aludir à docência como uma relação mecânica e

superficial, mas como uma relação corporal, interativa, pessoal e sensível, pois é feita entre indivíduos que possuem corpos, histórias, vivências e sentimentos. Considerar essa visão da Educação é entender que é nela onde o ser humano encontra um espaço para sua ação, revelando sua identidade pessoal e singular e convivendo com outros sujeitos tão singulares quanto ele.

Fazendo uma análise de seu trabalho, Gracielle nos contou sobre os anseios e inquietações que rondam sua atividade cotidiana:

Eu espero e eu espero mesmo de coração, isso é uma coisa que eu busco porque eu me policio muito, eu tenho muito minha culpa em relação a isso. **Eu sei da responsabilidade que eu trago, e eu acho que na maioria das vezes que eu não correspondo a essa responsabilidade, mas o que eu queria muito dos meus alunos é que eles tivessem senso crítico.** Eu sei que o conteúdo História é importante, mas foi o que eu falei desde o início, não desmerecendo a nossa profissão, mas a História é muito autodidata. Eu posso dar uma aula maravilhosa sobre Guerra de Canudos, amanhã ele vai esquecer tudo o que eu falei, ele vai poder pegar um livro tão bom que ele vai aprender muito mais do que eu falei na minha aula, ele vai conseguir fazer isso depois quando ele tiver um interesse lá na frente. Ele pode esquecer a minha aula toda, mas quando tiver um interesse lá na frente ele vai ter um recurso pra voltar aquilo, agora já o senso crítico não. O senso crítico vai fazer com que ele leia qualquer coisa e não se deixe levar por aquilo. **Hoje eu trago muito isso para eles, eu tento trabalhar muito isso, esse movimento do senso crítico, de se questionar mesmo: por quê? Por quê? Por que que é assim? Por que que é assado? Por quê? E principalmente de argumentar, eu acho que essas duas coisas: o discutir com argumentos, não discutir, mas ter posições com argumentos e o senso crítico, que esse é o que eu queria muito, eu ficaria muito honrada de ver os meus alunos no futuro desenvolvendo isso, trabalhando isso, tendo isso. Eu acho que esse é o grande papel hoje do educador.**

Destacamos em negrito a fala de Gracielle que transborda o peso que a professora concerne à docência. A oralidade desse momento carrega esse peso de uma carga quase palpável, evidenciando o desassossego interior da docente e externalizando um compromisso que a mesma reconhece ser relacionado à sua própria pessoa, enquanto professora, e a profissão em si.

Através da voz podemos chegar a uma identidade, como apontou Paul Zumthor (1997, p. 265), e, nesse caso, a voz de Gracielle despertou uma dupla possibilidade. No trecho em que ela expressa sua personalidade junto ao trecho acima, o que fica nítido é a produção de presença de sua identidade pessoal, única e individual, mas ao mesmo tempo, ela salienta

a produção de presença de um lugar comum, uma “identidade docente” – que entrecruza saberes, conhecimentos e sentidos. A responsabilidade para com o alunado é dela, mas também é um sentimento que percorre a profissão e pode estar presente em outros sujeitos.

Reconhecendo a seriedade sobre o trabalho que executa, a professora indica que ela pensa a profissão para além do conhecimento, estando ligada a refletir e a praticar cidadania, democracia, respeito, ética, e, sobretudo, está ligada ao futuro desses alunos, um futuro que é construído diariamente nos diversos espaços que o aluno transita, mas também na aula de História e na constante ação docente junto a esse aluno, o que depreende que ensinar exige conexão com a cultura ao redor, o que fica ainda mais manifesto no trecho a seguir:

A gente vive a realidade da rede social, onde você consegue se esconder atrás de um computador, então, eu acho que essa ação de fazer História, pra eles ainda tá, ainda é algo muito longe. Hoje eu até numa turma de oitavo ano eu falei com eles. Eu falei: gente vocês tem que estar muito, muito atentos ao que está acontecendo porque vocês estão vivendo História. Os filhos de vocês vão estar estudando esse período e imagina só, eles vão fazer as contas, vão saber que na época vocês tinham treze anos, vão perguntar para vocês e vocês vão falar: não sei. Ué mãe, você não estava vivendo, você não estava lá? Você viveu isso. É mas não, não estava preocupado não. Então acho que eles, e eles tem isso mesmo, de não terem essa percepção. A gente tem que [a professora fez estalos com os dedos] ei! Aqui ó, vem! Isso aqui é História. Isso aqui vai ser História amanhã. **Eu acho que justamente por esse afastamento que muitas vezes eles têm da História quando você tenta transformar isso num ato teatral, você puxa eles um pouco pra aquilo, como se eles pudessem estar tentando vivenciar aquilo. Eu tento fazer isso, às vezes eu tento fazer isso. Às vezes eu me cobro até porque eu uso, às vezes eu uso expressões que são muito modernas, que não caberiam na fala da época assim, mas é com esse intuito de fazer com que eles percebam, com que eles tentem se posicionar naquele lugar, é com a ideia de fazê-los transportar, de transportá-los para aquele período.** E às vezes eu acho que funciona, às vezes não, às vezes vira piada, mas enfim.

Seria a voz capaz de nos transportar para outra época? Para Gumbrecht, a voz carrega a capacidade de evocar o passado, de nos tocar fisicamente e produzir presença. De modo semelhante, Zumthor defende que a voz nos afeta e molda de maneira física o que diz. Como seria viver em outra época é uma questão que gera curiosidade e incômodo, a fala da professora Gracielle enfatiza o quanto a voz é criadora de sensações, sentimentos, criatividade e possibilidades, e, mais do que isso, assinala o desejo de presença que ronda nosso modo de viver, demonstrando que a docência está atenta as aspirações de nosso ser e estar no mundo.

Paul Zumthor chama nossa atenção para as práticas escolares, que segundo ele, sofreram mudanças ao longo do tempo. Citando “fórmulas mnemotécnicas, encantatórias, ritmadas, versificadas às vezes” (1997, p. 89), e poesias cantaroladas por turmas inteiras na infância, até os atuais seminários, apresentações, exposições orais para o progresso e divulgação do conhecimento, o que o medievalista destaca é que “para além da linguagem escrita”, o que constatamos é a “longa busca universal de uma restauração da voz” (ZUMTHOR, 1997, p. 90).

Diante do que observamos nas aulas da professora Gracielle, e, principalmente, o que ela nos revela em sua entrevista, podemos delimitar uma compreensão da produção de presença pela voz em sala de aula de duas maneiras: (i) como mencionamos páginas atrás, numa relação corpórea com o mundo e com o passado. Essa relação poderia tornar o passado presente, fazendo-o tocar os alunos, afetando seus sistemas auditivos e seus corpos em sua totalidade, seja pela fala e voz do professor ao narrar o passado histórico, ou, ainda, pela produção de presença de objetos sonoros de outro tempo (como hoje, nos é possível acessar e transmitir gravações em áudios de indivíduos de anos atrás). (ii) Nossa segunda compreensão da produção de presença em aula é pela presença da pessoa do professor, ou seja, a voz do profissional da educação carrega em si sua trajetória, que não pode e não consegue ser desconexa de seu trabalho. Sendo assim, o profissional professor produz presença por sua voz, somada a seus gestos, sua corporeidade e desenvoltura, que estão diretamente atrelados a sua pessoa e as características que o compõe.

[Pesquisadora: a profissão envolve muito mais do que conteúdos, ela envolve tudo isso] Sim. E isso ficou muito claro pra mim nesse meu retorno, eu tenho duas aulas de retorno da licença maternidade e como a visão muda, assim eu entrei em sala de aula e eu fui dando aula quando eu saí eu falei: gente! Porque você passa a ter uma percepção, você já olha pra eles com um olhar materno, mas depois que você é mãe de fato por essa sua experiência, o seu olhar pra eles muda porque você olha no rostinho deles o rosto do seu filho, você passa a questionar muito mais isso, muito mais. Se fosse a minha ali? Daqui alguns anos vai ser a minha. **Então, assim, toda experiência pessoal que a gente vive reflete, vai refletir porque a gente lida com gente. A gente lida com gente, quando a gente lida com máquina suas experiências pessoais são indiferentes, mas quando você lida com gente o seu olhar muda. Eles mudam e o seu olhar muda, exemplo disso são as turma de sexto ano. Você pega uma turma de sexto ano e acompanha até o nono, você percebe que é outra turma. Quando você chega no nono ano é outra turma totalmente diferente daquela turma que você pegou no sexto. E é essa troca que faz com que as coisas aconteçam.**

Com muita sensibilidade, Gracielle nos apresenta as sutilezas que envolvem a docência e a complexidade que integra seu ofício. Sua entrevista de História Oral envolveu suas vivências pessoais como aluna, mulher e professora, oralizando uma constante autorreflexão sobre sua prática e uma inter-relação entre as finalidades que almeja atingir e as táticas para chegar até seus objetivos.

É interessante perceber a leveza de sua fala, e que ao mesmo tempo, não deixa de gritar a responsabilidade que atribui ao Magistério e ao Ensino de História. Sua voz não esconde a percepção de que seu trabalho é sobre pessoas e para pessoas. Nossa professora assume a humanidade presente na docência, uma humanidade vivamente ativa na presença de sua voz, que mesmo aqui, entre linhas, parágrafos e pontos, não pode ser negada e nem silenciada.

Como podemos conceber, refletir sobre a relação História Oral, oralidade e profissão docente, nos levou a pensar em diversas facetas da voz, desde sua força na narrativa em uma entrevista, até mesmo, sobre sua presença em sala de aula, junto ao profissional professor. Isso nos mostra o quanto podemos enriquecer nossos estudos acerca de uma profissão tão complexa e multiforme como a docência, e mais, nos desperta para a urgência de ouvir esses profissionais sobre seu trabalho, sua prática e sua concepção de magistério, afinal, quem melhor para nos contar da docência do que os próprios professores?

Encaminhando-nos para o final, falta indagar: como podemos trabalhar com a História Oral dando destaque a voz e a oralidade dos professores para entender sua profissão? Essa não é uma pergunta fácil de ser respondida, pois não existe uma técnica ou procedimento universal pronto a ser seguido. O que sugerimos é: assim como nossos sentidos são sensíveis ao que nos cerca, ou seja, a materialidade do mundo, nos afetando e fazendo urgir sensações e sentimentos, nossa racionalidade precisa também cultivar essa sensibilidade para trabalhar com as oralidades e as sutilezas que a voz carrega, considerando as minúcias dos sons, timbres, tons, volume e sutilezas que a voz, junto ao corpo, podem nos proporcionar.

Um olhar atento e um ouvido acurado se fundem aos nossos outros sentidos para receber o choque, a onda de sensações e a força que a voz pode alcançar. Somos humanos, temos as “ferramentas” para isso, nossa tarefa é, portanto, nos (re)conectar com nosso físico, nossa materialidade e (re)aprender a experienciar o mundo e os sujeitos de outras maneiras.

Como aludimos, isso não é fácil, ao escrever este texto estamos nesse processo de (re)aprendizagem, mas passo a passo, estaremos cada vez mais próximos da tensão presença/sentido da qual Gumbrecht fala, não somente com referência a pesquisa acadêmica, mas, sobretudo, em nosso modo de vivenciar o mundo e a história.

## Conclusão

Assim é chegado o tempo para nós de brincar ao sopro de nossas vozes, na energia de nossos corpos, a imensa e incoerente herança de alguns séculos de escrita (ZUMTHOR, 1997, p. 299).

Conversando com a perspectiva do trecho acima, Boaventura de Souza Santos estabelece que “sem os sentidos seria impossível aquecer a razão” (SANTOS, 2019, p. 238), ou dito de outro modo, poderíamos dizer que o conhecimento não pode e não é mobilizado apenas pela razão, por conceitos, argumentos, análises e reflexões, ele também é gestado pelo corpóreo. O físico também pode ensinar, e, quando o faz, é capaz de nos atingir como um todo, desde nossa racionalidade até nosso corpo, conservando uma memória viva desse momento.

Obviamente que neste texto não defendemos o abandono de nosso referencial cartesiano, pelo contrário, reconhecemos a importância da criação e manutenção de significações e da composição de interpretações do mundo, da história, das ações humanas e dos fenômenos à nossa volta. O que reivindicamos, no entanto, é que junto a esse referencial, podemos, também, acrescentar outras formas de viver e entender a realidade. Em nosso caso, advogamos pela (re)conexão com a materialidade do mundo e dos sujeitos, o que nos leva a enfatizar a potência da voz neste trabalho.

Como vimos, mais do que um mero recurso de comunicação, a voz e a oralidade carregam em si características próprias e que as fazem muito mais amplas e complexas, cujas possibilidades e potencialidades ultrapassam corpos e gravações, e cuja força propulsora e perpetuadora conduz a produção de presença, como vimos claramente aqui, a produção de presença da professora Gracielle, de sua oralidade, sua história, perspectiva e ideias.

A voz multiplica e expande horizontes, movimenta e impulsiona ações, “a voz não é senão presente, sem estampilha, sem marca de reconhecimento cronológico: violência pura” (ZUMTHOR, 1997, p. 298). Ela nos provoca a pensar novas formas de sociabilidade, de vivência

e pesquisa. Sua dimensão oral libera identidades, memórias e histórias, por isso nos é tão cara. Sua ação junto a História Oral viabiliza um mergulho nos sujeitos o que acarreta um mergulho ainda maior naquilo que queremos entender: a profissão docente.

Diante de tudo o que levantamos neste texto, é a oralidade, a figura sonora da voz “já quente, no tecido existencial” (ZUMTHOR, 1997, p. 297), numa densa investigação de História Oral – que ao relatar diferentes níveis da experiência, de modo tão peculiar e corpóreo – vai nos permitir uma imersão na pessoa humana – em suas contradições, em sua natureza e aspirações –, para assimilar os elementos que constituem essa pessoa enquanto profissional da Educação. E mais, é a voz que nos proporcionará assimilar como o próprio sujeito compreende seu trabalho e sua profissão. Assim, o que temos aqui é uma possibilidade de entender não somente a profissão docente, mas a pesquisa acadêmica e, sobretudo, nossa relação com os sujeitos e a realidade.

## Referências

ANDRADE, Everardo Paiva de; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. Em busca de tempos da experiência: história de vida, profissão e narrativas de professores na pesquisa educacional. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ANDRADE, Everardo Paiva de (Orgs.). **História oral e educação: tempos da experiência**. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2019 (no prelo).

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DELGADO, Lucilia de A. Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25.

FERREIRA, Marieta M. **História do Tempo Presente: desafios**. Cultura Vozes. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOFF, Jacque Le; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado**. História da historiografia. Ouro Preto, número 03. Setembro de 2009, p. 10-22. Disponível em: <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/68>.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Serenidade, presença e poesia**. Belo Horizonte, MG: Relicários Edições, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: Projeto História: **Revista dos Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10. São Paulo (SP): PUCSP, dez. 1993. p. 41-58.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. Proj. História, São Paulo, (14), fev. 1997. p. 25-39.

PORTELLI, Alessandro. **Sempre existe uma barreira: a arte multivocal da história oral**. In: Ensaios de história oral. São Paulo (SP): Letra e Voz, 2010. p. 19-35.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia. **História oral e educação: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas**. In: VISCARDI, Cláudia M.R.; DELGADO, Lucília de A. N. (Orgs.). História oral: teoria, educação e sociedade. Juiz de Fora (MG): EdUFJF, 2006. p. 155-168.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997, 321p.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 112p.

Data do envio: 14/04/2019

Data do aceite: 19/06/2020.